

Hans RHEINFELDER

Inácio de Loiola e Martinho Lutero na Alemanha de hoje

De há cem anos para cá, processam-se nas duas grandes confissões do Cristianismo, modificações que, em intensidade crescente, levam a uma aproximação outrora julgada impossível. Para podermos apreciar devidamente êste processo de aproximação, voltaremos, em espírito, à época do classicismo alemão com o fim de observarmos a atitude dos poetas, quase todos protestantes, perante o catolicismo, e como no campo oposto do catolicismo — pois isso era de fato a situação, a de campos opostos — julgavam as coisas caras aos cristãos evangélicos, protestantes. Goethe e Schiller serviram-se por vêzes do catolicismo, como cenário das suas poesias, Goethe antes de tudo no seu **Fausto**, Schiller em **Maria Estuardo**, na **Donzela de Orleães** e em muitos outros dos seus temas poéticos. Nenhum dos dois revelou entretanto uma compreensão mais profunda do espírito católico. Ambos, também, aceitaram, com uma naturalidade difficilmente compreensível, as lendas de horror da Espanha e de Felipe II que lhes foram servidas pela obra pseudo-histórica de “lenda negra”. Como consequência, podemos constatar que o **Egmont** de Goethe, o **Dom Carlos** e a **História da perda dos Países Baixos** de Schiller estão completamente errados do ponto de vista histórico. Embora êste fato não pudesse diminuir o valor poético e estilístico destas obras, devemos lamentar a consequência, pois desde então foi apresentado ao público alemão, na forma sugestiva dos cenários teatrais, um quadro completamente errado da Espanha e uma grotesca calúnia do grande Rei que fôra Felipe II. Não nos cabe todavia crítica aos dois poetas, nem mesmo a de uma leviana credulidade, pois a retificação da “lenda negra” começou na Alemanha apenas cem anos após a sua morte. Por outro lado, no mundo protestante de então, o mundo católico se apresentava para os protestantes alemães como algo de espiritualmente e moralmente inferior. Homens como Schiller e Goethe nem poderiam, no seu meio social, duvidar ainda da veracidade das fontes históricas que aproveitaram. A sensação da sua própria superioridade religiosa era tão

ingênua que não se poderia analisá-la como altivez censurável. Acreditavam então, neste seu meio social, ver no catolicismo restos de paganismo, idolatria, adoração de santos, e uma moral duvidosa. Estas concepções foram notórias quando se tornou conhecida a conversão do Conde Stolberg ao catolicismo. Os seus colegas na literatura, também Goethe e principalmente Voss, tiveram palavras causticantes de crítica e de desprezo, ridicularizando rancorosamente até as coisas mais caras aos corações católicos.

A estas manifestações de ódio estavam naturalmente expostos em primeira linha a ordem vanguardeira da Igreja católica, a dos Jesuítas, e o seu fundador Inácio de Loiola. Acabava o Papa de dissolver a ordem, em face de insistentes pressões políticas. Nestas condições aconteceu mesmo a personalidades de grande espírito associarem-se às vozes que fulminavam o organismo agora destruído. Entre os príncipes da Europa, os únicos que se opuseram à dissolução da ordem de Loiola, foram Frederico II da Prússia e Catarina a Grande da Rússia. Frederico II, que sempre procurou recusar acolhida aos preconceitos, não deixou publicar o decreto papal nos seus Estados: assim pudera a ordem continuar na Prússia protestante, com minoria católica, as suas atividades religiosas e as do seu ensino. Possivelmente Frederico terá sido influenciado nisso pelas idéias de um homem que êle não amava mas admirava, Voltaire, que, apesar do seu ódio contra o Cristianismo, guardava até a morte fidelidade e gratidão aos seus mestres jesuítas.

Seria errado admitir pudesse o Romantismo ter provocado uma modificação no julgamento dos Jesuítas. Realmente o Romantismo da Alemanha foi devido, em grande parte, a impulsos católicos, e com seu advento, já as opiniões se tinham modificado grandemente a favor do catolicismo, nos campos outrora adversos. Mas justamente esta inclinação rumo ao pólo católico provocou da parte do pólo protestante muitos protestos e muita reação, e a esta ação reagiu imediatamente o eco católico.

Seria difícil dizer hoje, em que momento se iniciara a aproximação das duas confissões cristãs na Alemanha. Para os observadores atentos da história das duas confissões cristãs, não pode haver dúvida de que aqui também, e aqui de forma especial, estão agindo forças irracionais. Esta influência não se manifesta apenas na vida da Igreja, mas se faz sentir também e ao mesmo tempo na literatura histórica. Citaremos aqui o grande historiador alemão Leopold von Ranke. Com a conscienciosidade que o caracteriza êle corrigiu erros inúmeros, e destruiu falsas sombras, nas pesquisas para a sua obra monumental **Os Papas Romanos nos**

últimos quatro séculos (1834-1839) e para a história da Espanha. Não queremos com isso afirmar que Ranke tivesse visto em tudo a verdade absoluta, mas êle foi, entre os grandes, o primeiro que, firmado em estudos próprios, acordara a desconfiança perante a tendenciosa maneira de apresentar os fatos históricos e que, doravante, quis ver o verdadeiro e, em corajosa e impiedosa luta, o conseguiu em muitos pontos.

Foi assim que Leopold von Ranke aparece na Alemanha como primeiro a destruir, na "lenda negra", as acusações caluniadoras contra a Espanha, os seus reis e seus grandes espíritos. A penetração definitiva através da intensa rede das calúnias foi conseguida apenas em nossos dias, com os estudos do hispanólogo bávaro Ludwig Pfandl. Ranke era protestante, Pfandl católico. Apesar disso os resultados das suas pesquisas apaixonadas foram reconhecidas e aceitas por protestantes e por católicos. Pfandl nunca esteve nem na Espanha nem nas Américas. Recolheu as suas descobertas em estudos incansáveis em bibliotecas e arquivos alemães. Nestes longos e pacientes estudos o seu espírito de pesquisador descobriu, passo a passo, que a história da Espanha de Felipe II tinha sido bem diferente do que, em trezentos anos de literatura histórica, tinha sido afirmado. Perante estas revelações, Pfandl sentiu nascer na sua alma uma cólera profunda e santa. Este homem, que tão cedo nos foi roubado pela morte (1942), cultivava na sua alma o soberbo cavaleirismo que êle tanto admirava e amava nos grandes homens e nas grandes figuras femininas das nações hispânicas e de Portugal, na Europa e na América Latina. Desta santa cólera nasceu a sua grande obra histórica sobre Felipe II, um livro que, até hoje, se encontra entre os mais lidos da Alemanha.

Pouco depois de Pfandl, foi Karl Vossler que passou a dedicar à literatura e cultura hispânicas uma atividade ditada por um grande amor. A ambos se associa mais tarde o poeta e historiador friburguense Reinhol Schneider, seguindo-se um grupo apreciável de outros pesquisadores profissionais ou amadores. Por enquanto ainda não nos é possível apreciar devidamente até que ponto reside na ação destes escritores a mudança radical das atitudes da Alemanha perante as coisas de Espanha. Esta nossa observação abrange também o âmbito cultural geral no qual o alemão é língua materna, a Áustria católica e a Suíça em grande parte protestante.

Perante esta mudança das considerações históricas, não poderia deixar de se manifestar também uma mudança para uma maneira completamente nova de julgamento da Ordem dos Jesuítas e do seu fundador, e de fato, hoje aparece, em

tôda parte, em vez da antipatia a objetividade e, muitas vezes, a simpatia.

Esta mudança de atitude foi grandemente facilitada aos protestantes alemães pela idêntica mudança que se manifestava, ao mesmo tempo, entre os católicos alemães, a respeito de Martinho Lutero. Também no caso dêste reformador, desapareceu a antipatia, surgindo a objetividade e mesmo a simpatia.

Não poderíamos compreender a apreciação dos Jesuítas na Alemanha protestante, sem uma visão retrospectiva do julgamento de Martinho Lutero na Alemanha católica, através dos séculos. Por isso apresentaremos agora o retrato católico de Lutero em contraste com os dos protestantes.

A literatura religiosa protestante dos séculos 18 e 19 costuma apresentar Lutero como o grande mestre religioso, que fêz resurgir a obra de Cristo de um secular soterramento, e que, revestido da força divina, enfrentara, como novo profeta e apóstolo, a paganismo e as superstições do catolicismo. Nesta representação Lutero aparece como o verdadeiro homem de Deus. As novas igrejas que o protestantismo construía eram denominadas por Cristo, pelos Apóstolos e Evangelizadores, ou pelo próprio Martinho Lutero.

Outro grupo de historiadores protestantes quiseram ver em Lutero o herói ao mesmo tempo nacional e religioso; isso principalmente na época do prussianismo em sua fase ascensional, mais ainda após a fundação de um Império Alemão sob o govêrno de um soberano protestante. Aparece agora Lutero como libertador da escravidão romana, como conquistador do Cristianismo para a Alemanha, como o arauto da nova Alemanha, que, como primeiro, soubera fazer valer os postulados do Germanismo na Cristandade. Festejaram então Lutero como iniciador, atribuindo-lhe, entre outros feitos, a primeira tradução da Bíblia para o alemão (o que não é o caso, pois conhecemos hoje mais de setenta traduções da Bíblia para o alemão, tôdas da época anterior a Lutero). O Nacional-Socialismo aproveitou mais tarde êste retrato nacionalista de Lutero, suprimindo tôdas as referências de caráter religioso, querendo ver nele apenas ainda o lutador nacionalista.

A êste retrato unilateral dos séculos 18 e 19, a literatura histórica católica respondeu de forma igualmente unilateral. Limitâmo-nos naturalmente à literatura histórica; si a dogmática e a apologética replicaram apresentando a doutrina de Lutero em forte contraste à católica, queremos deixar estas réplicas como direito privativo da ciência teológica.

Pelo fim do século passado, os ambientes católicos consideravam o livro sôbre Lutero devido ao austríaco Heinrich

Denifle como o melhor retrato conhecido (*Lutero e Luternismo no início da sua evolução*, 1904). Pouco depois, êste estudo era completado pela obra do jesuíta renano Hartmann Grisar (*Lutero*, 3 volumes, 1911-1912). Ambos os cientistas eram historiadores de nomeada e ambos tinham realizado o seu trabalho na base de pesquisas próprias. Apesar disso o seu retrato de Martinho Lutero continuava unilateral e falho em muitos pontos. Naquele tempo ainda se via, muitas vezes, em Lutero o renegado, o rebelde, o revolucionário, o herege e criador de seita, o servo de príncipes egoístas. Acreditavam os católicos ver no seu proceder motivos menos nobres, ou então concediam-lhe apenas predisposição patológica como circunstância atenuante. Não era de esperar outra coisa senão uma reação violenta dos protestantes. Assim, no início da guerra de 1914, as duas confissões se encontravam em uma situação de mútua prevenção.

Esta situação transformou-se por completo na Alemanha no período entre as duas Guerras Mundiais. Com o afastamento dos príncipes alemães, que a Igreja evangélica tinha considerado como os bispos de graça divina, a Alemanha protestante viu-se obrigada a uma reorganização e uma reconcentração religiosa. Forçosamente esta profunda modificação deveria influir sôbre o retrato de Lutero. O protestante crente recusou doravante ver em Lutero um vanguardeiro do Germanismo, ficando com esta concepção apenas aquêles círculos liberais que já tinham rompido com o Cristianismo como religião revelada, substituindo-o pelo mito nacionalista.

Na mesma época, entre as duas guerras, apareceu de parte católica a obra impressionante do professor de Teologia na Universidade de Münster, Joseph Lortz, natural de Luxemburgo. Esta obra (*A Reforma na Alemanha*, 2 volumes, 1939-1940) partindo embora dos estudos de Denifle e de Grisar além de outros, apresentava desta vez um retrato completamente novo de Martinho Lutero, e encontrou logo a aprovação de católicos e de protestantes. Sem querer cortar nada, sem desculpar nada do que Lortz, como teólogo católico, tinha de condenar na doutrina de Lutero, êle procurava apresentar os impulsos íntimos de Lutero como verdadeiramente alimentados por preocupações religiosas. Nesta obra, Lutero era, pela primeira vez, apresentado por um historiador católico, como grande personalidade religiosa. A sua saída da Igreja católica se explica pela demora da reforma religiosa dentro da mesma e pela situação desoladora da cúria papal. Nem por isso existe desde então absoluta união de vistas, entre as duas confissões, no terreno da luterologia, mas

pode se constatar hoje o quanto ambas já se aproximaram e mesmo já concordaram nos pontos principais.

Paralela com este caminho da ciência, corre entretanto a mudança da apreciação de Martinho Lutero na vida das duas confissões. Na minha infância, freqüentando escolas antes da primeira Guerra Mundial, os discípulos católicos conhecíamos um retrato de Lutero que não se distinguiava muito de Mefistófeles ou de Judas, e muitos de nós não puderam deixar de ofender companheiros protestantes com quadrinhas ofensivas, que encontravam então réplica igualmente inobjetiva e forte. A ofensa feria os alunos protestantes especialmente porque eles tinham nas suas mãos livrinhos populares nos quais Lutero era representado a eles, como em outros se apresentavam os anjos e os santos aos alunos católicos. Vinte anos mais tarde, lá pelos anos de 1930, a mesma geração assiste então a cenas como a seguinte. Um teólogo protestante ou, como preferimos dizer hoje, evangélico, dava uma conferência sobre Martinho Lutero. Não me acordando o ângulo pelo qual ele analisava o grande reformador, mas lembra-me bem que, a certa altura, ele iniciou violenta crítica a Lutero. Na discussão que surgiu, levantou-se um padre beneditino, hoje abade em um convento de Munique, e este declarou então: "Meu caro confrade — assim ele abordou o teólogo protestante — infelizmente eu me vejo na obrigação de discordar de Vossa Senhoria. Creio que aqui o Senhor não compreendeu bem o Padre Lutero". Seguiu-se uma ampla apologia de Lutero perante a crítica do pastor protestante. Os papéis tinha sido completamente invertidos.

Assim ficaram doravante as coisas. O protestante alemão não mais vê em Lutero uma figura imaculada de ideal e nem a do herói ou do arauto do Germanismo, e sim o homem religioso que, num mundo dos mais graves escândalos, se pergunta como poderá encontrar um Deus misericordioso, e que, constrangido por homens e por circunstâncias chegou a conclusões finais que ele não tinha previsto e nem pressentido. O católico alemão concorda com este retrato de Lutero; lê, edificado, as suas interpretações do Padre Nosso e do Magnificat, canta os cantos religiosos de Lutero, incluído o seu hino de confissão "Ein feste Burg ist unser Gott" ("Burgo forte é nosso Deus") Na nova edição do Livro de Orações e de Cantos do Arcebispo de Munique, aparecido depois da segunda Guerra Mundial, acha-se um canto devido a Lutero, no qual o nome de Martinho Lutero está claramente impresso ao lado do título. Imaginem: Martinho Lutero citado com honra e louvado em um câncioneiro oficial católico da Alemanha, e que já se encontra nas mãos de alunos de sete

anos de idade! Isto teria sido absolutamente impossível na Alemanha de há cinquenta anos.

Esta curiosa unificação das duas confissões sobre um retrato quase idêntico de Lutero é um dos grandes fenômenos que tornam visível a reaproximação da cristandade separada. Esta aproximação que, apesar de ocasionais reviravoltas, não se deixa mais negar, é um dos acontecimentos mais emocionantes da história da Igreja dos últimos cem anos. A Cristandade evangélica, protestante, tem conservado sempre, como preciosa particularidade, o amor ao texto da **Bíblia**. Hoje, desde há trinta anos, encontramos entre os católicos da Alemanha uma poderosa corrente bíblica favorecida pelos bispos. Do lado protestante, a especial atenção, o centro de todo o culto, tinha sido a leitura da Bíblia e a sua explicação pelo predicador. Do lado, católico entretanto, a maior atenção tinha sido dada sempre a conservação dos **sacramentos** de Cristo. Hoje, sinal a mais duma evolução, os protestantes manifestam um intenso movimento sacramental. Si até há pouco a Bíblia e a prédica constituíam o centro do culto evangélico, com a comunhão limitada à Sexta-Feira Santa, geralmente, hoje, em inúmeras paróquias evangélicas da Alemanha a liturgia e a comunhão se tornou também centro do serviço religioso. Em ambas as confissões tornou-se convicção viva que as **duas coisas**, a **Palavra** e o **Sacramento**, precisam ficar unidos, e que as **duas** pertencem ao Cristianismo integral. Esta aproximação é tão aparente e impressionante e ela é tão pouco devida à ação dos homens, parecendo, ao contrário, se processar contra todas as resistências humanas, que julgamos poder manifestar a previsão de que Deus pretenda conceder ainda à geração presente, como suprema dádiva, unificar na Alemanha, ainda neste século, as duas confissões cristãs, reunindo-as na mesma Igreja una. Quando tivermos chegado a isso — também isso cremos poder já afirmar —, as duas confissões terão dado cada uma o melhor das suas tradições, nenhuma se sentirá empobrecida, cada uma enriquecida. Naturalmente fico longe, bem longe, de querer bagatizar as dificuldades que ainda perduram: mas até em pontos de divergência tão difíceis como as que apresentam de um lado a doutrina de justificação de Lutero, e de outro a católica da infalibilidade papal em questões dogmáticas, uma unificação se me afigura perfeitamente viável — e há para isso documentação. Falta, antes de tudo, afastar os desentendimentos que trazem sempre novamente os dogmas centrais de cada uma das duas confissões perante os olhos da outra.

Em face das preliminares esboçadas, ninguém ficará surpreendido se também Inácio de Loiola e a sua Ordem forem

apreciados hoje de outra forma de que há cinqüenta anos. Se para o retrato atual de Martinho Lutero, consultamos preferencialmente historiadores católicos, consultamos ao contrário, para constatar o aspecto do retrato atual de Inácio de Loiola, preferencialmente historiadores pertencentes à confissão evangélica. Isso, sem esquecermos que também os católicos alemães, até a atualidade, mantiveram, senão para a personalidade de Inácio de Loiola mas para a Ordem dos Jesuitas, não raras vezes uma certa desconfiança, já que a "lenda negra", a sistemática caluniadora da história seiscentista da Espanha, produzira seus efeitos em toda parte, sem distinção de confissões.

Esta "lenda negra" foi alimentada por três fontes turvas que são: ódio pessoal ao Rei Felipe II — ódio nacional contra a poderosa Espanha — ódio religioso contra a Espanha católica. Para cada uma destas três fontes só me sobra aqui tempo para algumas citações rápidas.

Os dois primeiros documentos da "lenda negra" são devidos a dois homens de péssimo caráter, que encontraram na sua frente os tribunais de Felipe II e que, por isso, não recuaram diante de calúnia alguma. São eles as "Relaciones" de Antônio Pérez, ex-ministro de Felipe, um traidor cujos negócios sórdidos foram denunciados na obra mestra de Gregório Marañón (Madrid, 1947) e que Ludwig Pfandl inscreveu com palavras de profundo desprezo no pelourinho da opinião pública, na sua *História da literatura nacional espanhola na era da sua floração* (Friburgo em Brisgau, 1929). O outro é a "Apologia" de um alemão, Guilherme de Orange, cuja obra hoje melhor conhecida, nos obriga a reconsiderar o julgamento da personalidade. Pois o revés da medalha, no caso da "lenda negra", é justamente êste: que os canallas foram nela exaltados, desde que fôssem inimigos de Felipe II e da Espanha. Desta "Apologia" de Guilherme de Orange diz o nosso já citado Ludwig Pfandl, no seu livro sobre Felipe II (Munique, 1938) o seguinte: "...aquela obra, rede infame de mentiras ditadas pelo espírito de vingança e de ódio infernal, que pretendia ser uma justificação e se tornou, ao contrário, uma confissão, a penosa auto-confissão de um dos mais suspeitos caracteres do seu tempo."

A segunda fonte, o ódio nacional, surgiu na França. As incursões atrevidas de Carlos VIII, Luiz XIII e Francisco I nas coisas da Itália foram energeticamente rechassadas pelos Habsburg da Alemanha e da Áustria, por Carlos V e Felipe II. Para o perturbador da paz européia, Francisco I da França, todos os meios eram bons para servirem contra a Espanha. Não recuara nem diante de uma aliança com o inimigo ameaçador do Oriente, os Turcos em marcha, formando

assim uma Liga contra a Europa cristã, com o Islã. Como servos fiéis do prestígio nacional, os seus historiadores escreveram todo o mal possível sobre a Espanha e propagaram assim conscientemente mentiras contra ela.

A terceira fonte da "lenda negra", o ódio religioso, veio principalmente da Inglaterra. Isabel I teve para o Rei Felipe II durante toda a sua vida um ódio profundo, e contra êle manteve constante guerra fria. O seu pai Henrique VIII tinha rompido com a Igreja tradicional por motivos pouco nobres. Isabel era filha de uma das quatro mulheres que o seu pai tomara, após ter repudiado a mulher legítima, Catarina de Aragão. Estas quatro mulheres êle as repudiou depois ou as mandara executar. Catarina de Aragão tinha sido irmã da avó de Felipe. Isabel, apesar do seu poder, sempre se sentiu bastarda e considerava a existência de Felipe II como um reproche permanente contra a moral e a política do seu pai e contra a própria conduta.

Não é pois de admirar se as ondas turvas emanadas destas três fontes de ódio se derramaram por cima da opinião universal, até que, em nosso século, se pudesse processar, como o mostramos acima, a reabilitação de Felipe e da Espanha. Explica-se assim também, como e porque não são apenas os protestantes alemães mas também os católicos que tiveram de reaprender muito e ainda continuam a reaprender. Neste reaprender está incluída a revisão da maneira de julgar a Ordem dos Jesuítas.

O primeiro e fundamental malentendido foi a convicção de que Inácio teria criado a sua Ordem como órgão de luta contra o protestantismo. Ora nisso não existe nem sombra de verdade. De modo algum Inácio tivera o protestantismo em mente na criação da "Sociedade de Jesus". Êle não quis outra coisa senão se contrapor à descristianização da sua época pelo espírito da Renascença. Êle tinha pois justamente o mesmo alvo que Lutero. Como ação complementar, previra, em primeira linha, missões entre os maometanos na Palestina. Seu programa básico era pois dirigido num sentido que interessava toda a Cristandade. E' compreensível e não de admirar, se um protestante ao qual Inácio tiver sempre sido apresentado como inimigo de Lutero, não quisesse saber nem dêle nem da sua obra. Já em outros tempos era privilégio dos grandes espíritos passarem por cima de tais preconceitos. Assim sabemos que o filósofo alemão Leibniz procurava, cada ano, a solidão de um retiro para exercícios espirituais no sentido de Inácio de Loiola. Todavia, Leibniz tem sido uma exceção para o seu tempo.

Ainda no século passado, os protestantes viam em Inácio de Loiola e na sua Ordem o inimigo jurado. As coisas

mais incríveis eram consideradas verídicas, quando se tratava de acusações aos Jesuítas. Por isso o Padre Jesuíta Bernhard Duhr reuniu certa vez, em um grande volume, *Cem fábulas jesuíticas* para as refutar (1891/92). Damos aqui a palavra a um historiador protestante, do qual falaremos ainda no fim desta conferência, o Professor Walter Nigg da Universidade de Zúrich (Suíça). Revoltado, conta o que se inventara de fábulas e de mentiras contra Inácio. "Ele teve de aturar uma onda das piores deturpações. O seu destino era o ser suspeitado e tratado com desconfiança. Foi apelidado de tipo refinado, que teria introduzido o regime militarizado na educação religiosa, para conseguir ter a juventude nas mãos, que governava a sua Ordem como um ditador. Inácio foi considerado como fanático possesso, cuja obra teria trazido o obscurantismo à Europa. Descreveram-no como o espantalho da monstruosidade, e a gente da época transcrevia estes panfletos sem nexos, propagando sempre mais este pseudo-retrato. Mesmo nos setores católicos Inácio ficou sendo, por muito tempo, uma figura discutida, e mais ainda permaneceram os protestantes na sua atitude de repulsa contra êle". Até aqui Walter Nigg.

Pelo fim do século passado, todavia foram também historiadores protestantes que passaram a olhar para a Ordem e seu fundador sem preconceito, e procurando, com resultado, pesquisar as suas particularidades. E' muito difícil escolher, do meio da abundância das obras críticas então aparecidas, justamente as mais características. Qualquer escolha poderia parecer arbitrária, e eu não ousaria afirmar que as que cito agora não pudessem ser substituídas por outras melhor escolhidas.

Começaremos com uma obra simpatizante de pesquisa mais antiga. Em 1885 aparece em Halle, nas publicações da Sociedade de História da Reforma, o livro de Eberhard Gothein sobre Inácio. Gothein era um dos pioneiros entre os historiadores culturais da sua época. A sua obra está animada pelo mesmo caráter de seriedade científica que inspirou Leopold von Ranke na sua *História dos Papas*. Apesar da sublinhada simpatia, aparece ainda, neste livro, a autoconfiante atitude de superioridade que caracterizava a Alemanha oficial de então, tanto como certos setores da ciência alemã, entre 1871 e 1918. E' também a época na qual a vida espiritual de ghetto do catolicismo alemão produzia ainda singulares frutos, em conseqüência das reações de defesa surgidas de complexos de inferioridade.

As falhas na objetividade das afirmações de Gothein encontram-se justamente lá onde o autor menos as suspeitaria, e onde, ao contrário, êle fala no tom de convicção in-

discutível. Um exemplo poderá caracterizar esta atitude. Gothein apresenta, logo de início, Lutero e Inácio da forma seguinte: "Em tôda a história moderna não aparece segundo caso em que vêem os sucessores ficarem fiéis ao caminho traçado por um único homem (Lutero) e por êle seguido... dando-se todavia o caso contrário com os representantes da contra-reforma (isto é, com Inácio)". Não é desprovido de interêsse constatar que hoje teríamos de inverter esta frase. Sabemos muito bem que o protestantismo não ficou fiel, em tôda parte, a Lutero, e que são justamente os protestantes alemães que tentam voltar a Lutero. Enquanto isso, o caminho de Inácio continua até nossos dias o mesmo que, até nos mínimos assuntos, trilha a sua Ordem. Nós estamos em condição de sabermos, isso melhor hoje que Gothein poderia prevê-lo e sabê-lo então. Muito característico é também o relativo menosprêso da santidade em oposição às atitudes humanas em geral. Aparece nas últimas frases do referido livro, onde Gothein escreve: "Inácio alimentara a sua alma com a sugestão: — eu quero ser o que tem sido um Domingo, um Francisco: um santo, ao qual se reza... Aos nossos olhos êle alcançou mais: êle se tornou homem, um homem com cujo caráter a posteridade se preocupará enquanto se escrever história". Assim Gothein (pág. 178).

No início do nosso século, sempre foram mais numerosos os sábios protestantes que se preocuparam com a figura do fundador da Ordem. Já o fazem com uma simpatia expressa, faltando apenas chamá-lo de santo, tanto como outrora também os protestantes chamavam de santos a Domingo, Francisco, Bento. Limitar-me-ei a citar as palavras de dois destes pesquisadores. Na então mui difundida coleção alemã "Aus Natur und Geisteswelt" ("Do mundo da natureza e dos espíritos") apareceu na Casa Teubner em Lípsia um livrinho sobre os Jesuítas, do qual pouco depois aparecia nova edição. O seu autor é Heinrich Boehmer (1869-1927), Professor da Teologia protestante na Universidade de Bonn, mais tarde em Marburg e por fim em Lípsia. Como pesquisador de luterologia produziu também apreciáveis contribuições para o melhor conhecimento do reformador. O seu livrinho sobre os Jesuítas foi escrito com objetividade, até com carinho, o que então fôra logo reconhecido pelo mundo católico. O primeiro capítulo estuda o fundador da Ordem, podendo ser afirmado que o autor conseguiu aí um excelente discurso acadêmico "Loiola e a mística alemã", igualmente escrito com carinho, mas também com profundo respeito. Para o julgamento de um protestante é muito significativo a fato de colocar Inácio em plano igual ao fundador do Metodismo, John Wesley, e ao General William Booth

do Exército da Salvação. Mais não se poderia esperar d'êlo. E' assim bem compreensível que quisesse depois fazer ainda uma restrição, que êle redige da forma seguinte: "Apesar de sincera, séria e profunda a sua piedade, não se pode todavia considerá-lo como personalidade religiosa independente, nem como gênio religioso. Mas como organizador religioso... tem poucos iguais" (pág. 34).

Restrições dessa natureza reaparecem sempre em autores protestantes no primeiro quarto do nosso século. Todavia, na medida que mais e mais particularidades da vida do santo vieram a ser conhecidas, mais ilimitada se torna a admiração. Karl Holl (1866-1926), então Professor de Teologia protestante na Universidade de Tubinga, e ao qual devemos preciosos trabalhos sôbre a teologia das Igrejas orientais e da Igreja primitiva, esforçou-se também por reaproximar, dos corações dos protestantes, a figura verdadeira de Martin Lutero, e escreveu em 1905 um ensaio, que merece ser lido e relido, sôbre os Exercícios espirituais de Inácio de Loiola, no qual êle chega à conclusão seguinte: "Passando em revista todo o método dos Exercícios, o segrêdo que sempre tinha resistido às tentativas de compreensão dos não católicos, não nos aparece mais insolúvel. O protestante vive no preconceito de que aqueles que passaram pelos exercícios loiolanos teriam sofrido uma diminuição da sua personalidade. Em realidade, êles têm a sensação diametralmente oposta, sentindo-se mais livres e mais fortes que dantes. Foram conduzidos com tanta habilidade que tudo parecia brotar do seu íntimo, e êles sentem, por fim, um ardor de sensação e uma fôrça de auto-controle em si presentes, como se estivessem agora em plano mais elevado. E' prova de que aqui foi realizado o que de mais alto possa realizar uma pedagogia calculista dirigir aquêlo que se quiser trazer a um alvo, de modo a não sentir a severa condução como tal".

São palavras que mesmo um pesquisador católico só poderá ler com uma estupefação reverente, embora não pudessem escapar da argúcia do leitor atento que, nos resultados dos exercícios loiolanos, procuravam mais o elemento subjetivo do que o objetivo.

Da época situada entre as duas guerras, apresentarei apenas dois estudos de teologia protestante, evangélica, caracterizando-os levemente nas suas tendências.

Em 1929 apareceu em Langensalza, na famosa série "Friedrich Manns Pädagogisches Magazin" ("Depósito pedagógico de Friedrich Mann"), N.º 308, a tese de habilitação teológica do docente livre da Universidade de Marburg, Hermann Stoeckius, sob o título de "Considerações de Inácio de Loiola sôbre a entrada e formação de noviços". O título já

nos mostra como sempre mais já aparecem novos problemas específicos como dignos de comentários. Neste livro é preciso muita atenção para descobrir que o autor não é católico, já que êle foi escrito com uma intensa simpatia e com o maior carinho. E — fato a notar — tôda a faculdade evangélica de Teologia sancionou o estudo como condição prévia para o ingresso do autor nas fileiras dos seus pares. Não se critica mais nada de estreito em Inácio, antes louvam o seu espírito amplamente aberto ao mundo, esta associação nele constatada de ascetismo e de humanismo, e que foi especialmente cultivado no ramo italiano da Ordem ainda jovem (pág. 83). Houve tempos nos quais corria, entre protestantes e mesmo entre professores, a observação orgulhosa: "Catholica — non legunter" ("Livro católico — não vale a pena ler"). Estas publicações acima citadas, alusivas a Loiola, mostram como a velha concepção mudou.

O mesmo poderemos dizer da outra publicação que, para a sua época — novamente dez anos mais tarde — se afigura sintomática: "A concepção de obediência de Inácio de Loiola" do Professor de Teologia protestante na Universidade de Kiel, Kurt Dietrich Schmidt, e editada em Gottingen no ano 1935. Que tema delicado para um protestante! Deveremos lembrar o papel que tem tido, na polêmica confessional do século passado, arrancada do conjunto de texto completo, a ominosa palavra "obediência de cadáver" de Loiola e dos seus Jesuítas. Kurt Dietrich Schmidt sublinha, em oposição a esta freqüente citação de outrora, que Inácio menospreza comandos de capatazes de escravos, preferindo justificar as suas ordens. O autor continua assim, em várias citações, a afastar velhos malentendidos. Lá onde poderíamos discordar d'êlo, trata-se cada vez de malentendidos próprios de críticas em trabalhos científicos, e não mais malentendidos confessionais. Poderemos assim considerar erro de método quando a diferença entre Inácio e Mestre Eckart é expressada pela apresentação de um texto extremo do primeiro contra um texto extremo oposto do segundo. Mas como isso pesa pouco na balança, uma vez que em outras citações se documenta expressamente a semelhança dos dois homens. Também nisso, Kurt Dietrich Schmidt realizou uma verdadeira irrupção. Nêste trabalho deveremos também observar a circunstância que sugeriu a sua realização: surgiu de uma conferência feita pelo autor em Agosto 1934 no terceiro Congresso Ecumênico da Academia Luterana de Sondershausen, e pois perante um auditório puramente protestante.

Fala-se assim em um ambiente genuinamente protestante sôbre Inácio de Loiola com uma naturalidade, franqueza e veneração, como si se tratasse de um homem de Deus pe-

rante o qual estariam compromissados também os protestantes, que se conta como pertencente, de qualquer forma, ao próprio meio — tanto como poderemos observá-lo hoje, em meios católicos, a respeito de Martinho Lutero.

O tempo não me autoriza a citação de maior número de exemplos de mais recente passado, e que valeria a pena ainda apreciar. O seu número seria grande, mas eu quero, finalizando, citar apenas ainda uma publicação surpreendente, alusiva a Inácio de Loyola. É um livro aparecido em 1953 de autoria de Walter Nigg, Professor da Teologia reformada, calvinista, da Universidade de Zürich (Suíça). Trata-se do último capítulo dedicado a Inácio, no livro "Vom Geheimnis der Monche" ("Do segredo dos monges"). Não esqueçamos a situação: a Suíça é um dos poucos países nos quais ainda hoje existe jesuitofobia, sendo vedada à Ordem a licença do seu estabelecimento na república. Nesta situação, o teólogo protestante clama, com palavras de sincera veneração e carinho, usando as palavras do poeta Stefan George: "Voltai, sábios e hábeis padres!" ("Kehret wieder, kluge und gewandte Vater!"), não temendo, no seu trabalho, chamar a Inácio de santo (pág. 380, 391, etc.). Com as palavras apaixonadas que o caracterizam, Walter Nigg ataca a "lenda negra". Aprova integralmente tudo o que os pesquisadores protestantes já fizeram para contribuir na revisão do retrato histórico de Inácio de Loyola, especialmente os trabalhos de Gothein e de Boehmer, com a sua honesta pesquisa de fontes históricas. Mas êle também constata os pontos nos quais êles ainda falharam, quando diz: "Infelizmente êles ficaram parados na aprovação das capacidades psicológicas de Loyola; por isso os seus estudos não nos podem ainda satisfazer. Falta mais um passo decisivo para desdobrar a profundidade cristã do fundador da Ordem, porque é ela que constitui e núcleo da sua personalidade. . . Inácio esteve tão profundamente imerso na realidade divina, que a metade da Cristandade do mundo Ocidental não se pode permitir conservar dêle um retrato propositadamente deturpado. A sua missão religiosa não nos autoriza a apenas atingi-lo no ângulo das polémicas. A sua missão é independente dos tempos, e ela se dirige a toda a Cristandade" (pág. 388). Essas palavras — convém lembrá-lo — são as de um professor de Teologia protestante! A missão da revisão histórica do retrato de Loyola exigida e reclamada por Walter Nigg, êle mesmo a cumpriu em grande parte com a sua magistral descrição do santo. Não se limitou apenas a destruir uma das sombrias lendas depois da outra; mais valiosa é a visão que êle abre sobre a profundidade da alma sempre a procura de Deus, desta alma na qual foram disputadas lutas encarniçadas, e na qual todavia se realizou

uma grande penetração pela graça divina. Este livro nos mostra como Inácio se torna asceta, pescador de almas, e místico. Nigg o põe em paralelo com Santa Teresa de Jesus e com São João da Cruz. Denomina a peculiaridade da sua mística uma "grandiosa mística do caminho" e uma "mística do servir", e êle mostra como Inácio, desde a sua conversão, fica atento às ordens da vontade divina que, não raras vezes, lhe eram manifestadas em visões; como êle alcança o dom do discernimento dos espíritos, tornando-se "um dos grandes exorcistas da "Cristandade" (pág. 392). Nigg encontra o "fervor da mística inaciana" na sua exigência de "achar Deus em todas as coisas". "Neste apêlo está contida a última palavra de Inácio, e não as palavras bastantes para lhe agradecer. Não se poderá jamais marcar aos homens um alvo mais grandioso nem mais santo do que êste: de achar Deus em todas as coisas, variante apenas de outra expressão, a da oração permanente" (pág. 339). Nigg conclui a sua descrição do santo com as palavras: "A sua mística do caminho e do servir é parte da outra, do achar Deus em todas as coisas, mística que só será fecunda, si ela nos impelir a salvar a nossa época dando novas formas à nossa vida, assim como Inácio transformou o seu século" (pág. 394).

Martinho Lutero, aprovado e louvado pelos católicos — Inácio de Loyola, aprovado e louvado pelos protestantes — não serão isso sinais felizes do nosso tempo? Desta nossa época cheia de confusão e de desamparo e na qual os políticos inútilmente procuram a paz? Mas no silêncio que por aí ou por lá ainda tem os seus refúgios, os espíritos religiosos de todas as nações e religiões serão convocados para entendimento mútuo, e os homens conduzidos assim à grande harmonia do louvor de Deus. Realizar-se-ia assim, em nosso mundo inquieto e aparentemente tão desdeusado, em louvor comum de Deus e em serviço de Deus, a finalidade inicial da humanidade que Inácio, nas seguintes palavras lapidares, colocou na primeira página do seu livrinho de exercícios, palavras que coincidem, de maneira surpreendente, no seu sentido e no seu estilo, com as palavras de Martinho Lutero no seu catecismo: "O homem é criado para louvar, fazer reverência e servir Deus nosso Senhor, e, por este meio, salvar a sua alma".